

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**

**Curso de Pedagogia**

DARIELEN CAROLINE SILVA DOS SANTOS

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO  
PROCESSO DE APRENDIZADO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I**

Bragança Paulista– SP

2020

**UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO**

**Curso de Pedagogia**

RA: 001201700580

DARIELEN CAROLINE SILVA DOS SANTOS

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO  
PROCESSO DE APRENDIZADO DO ENSINO  
FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira.

Bragança Paulista – SP

2020

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do setor de  
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

**DARIELEN CAROLINE SILVA DOS SANTOS**

**AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO PROCESSO DE  
APRENDIZADO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada ao Curso de  
Pedagogia da Universidade São  
Francisco, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura em  
Pedagogia.

Data a aprovação: 03/12/2020

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira (Orientador)  
Universidade São Francisco

---

Prof. Me. Clayton Roberto Messias (Examinador)  
Doutorando em Educação pela Universidade São Francisco

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final, de uma conquista.

Sou grato à minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida sou grata e agradeço meus Pais Roseli e Cláudio por acreditar em mim e pelo apoio agradeço a minha irmã Dariane meu exemplo minha professora predileta meu irmão Claudio Junior por todo carinho, quero agradecer meus tios e tias, primos pois cada um deles me ajudou de uma forma diferente e nunca me deixou desistir do meu sonho, quero agradecer meu namorado Juan pela paciência que teve comigo todos esse anos por nunca me deixar desistir, agradecer meu local de trabalho minha gerente e amigos por me ajudar nas horas do almoços e por me fazer rir em momento mais tenso da minha vida e de coração que citar algumas amigas que fizeram a diferença nessa jornada na minha vida Laise, Stephanie, Carol, Adrienne, Thifany, Vitoria, Gabi, Dirciane, Andreza, Brenda, Bruna, Isabela e várias outras que sempre esteve do meu lado, meus Pastores que sempre está orando por mim.

Deixo um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Carlos pelo incentivo e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa, e não posso deixar escapar, Solange e Elaine que me ajudou nessa fase de Tcc pelas dicas de chá que também valeu a pena.

Também quero agradecer à Universidade São Francisco e a todos os professores do meu curso de Pedagogia pela elevada qualidade do ensino oferecido.

“Aprender a ser educador passa pelos caminhos da humildade do ensinar aprendendo. E aprender ensinando passa pelos caminhos do amor, pelos caminhos do calor, do acolhimento, pelos caminhos do coração”. *Rubem Alves (1995)*

## RESUMO

A afetividade é uma parte diária de nossa vida como seres humanos. Sentimos, amamos, sofremos e somos afetuosos um com os outros. A sala de aula se constitui um ambiente com várias pessoas diferentes, que experienciam momentos parecidos, mas sensações, aprendizados diferentes que os tornam diferentes. Neste local, é necessário que a afetividade se faça presente, aumentando a relação entre aluno e professor e criando um ambiente mais saudável e agradável para todos. Esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso teve por objetivos pesquisar a afetividade, também pode ser uma grande aliada, quando se trata do desenvolvimento de uma criança, demonstrando assim, como uma relação afetiva é importante na escola. Buscou-se investigar que essa visão, relacionada com os anos iniciais – conhecido também como fundamental I – que a relação de afetividade na sala de aula pode influenciar muito no desenvolvimento infantil. Foi realizada a metodologia de pesquisa bibliográfica para buscar compreender a importância da afetividade no ambiente escolar. Considera-se, com essa pesquisa, que a prática afetiva na sala de aula pode auxiliar no desenvolvimento dos alunos.

**Palavras-chave:** Afetividade. Desenvolvimento. Ensino fundamental.

## **ABSTRACT**

Affection is a daily part of our life as human beings. We feel, love, suffer, and are affectionate with one another. The classroom is an environment with several different people, who experience similar moments, but different sensations, learnings that make them different. In this place, it is necessary that affection be present, increasing the relationship between student and teacher and creating a healthier and more pleasant environment for everyone. This research of Course Completion Work had the objective of researching affectivity, it can also be a great ally, when it comes to the development of a child, thus demonstrating how important an affective relationship is at school. We sought to investigate that this view, related to the early years - also known as Fundamental I - that the relationship of affectivity in the classroom can greatly influence child development. The bibliographic research methodology was carried out to try to understand the importance of affectivity in the school environment. It is concluded, with this research, that the affective practice in the classroom can assist in the development of the students.

**Key words:** Affectivity. Development. Elementary School.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>13</b>
2.1 A afetividade.....	13
2.2 Razão x Emoção .....	16
2.3 A história da afetividade no ambiente escolar .....	18
2.4 A afetividade na sala de aula.....	20
2.5 Afetividade na educação .....	22
2.6 Relação aluno-professor .....	23
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A afetividade gera muitas discussões na atualidade, uma vez que interfere no desenvolvimento afetivo emocional, cognitivo, social e em todas as relações do ser humano (SANTOS, 2015).

Em pleno século XXI as escolas ainda rejeitam e oprimem as emoções levando em consideração apenas o cognitivo dos seus alunos, mas quando eles entram na escola não deixam do lado de fora sentimentos como a alegria, o medo, a raiva, a tristeza, dentre outras emoções. Maturana (2001, p.46) afirma que “[...] nada ocorre nos animais que não esteja fundado numa emoção”, sendo assim, os afetivos e cognitivos são indissociáveis. Assim, deve-se trabalhar para minimizar os aspectos negativos e destruir as verdades incontestáveis sobre ensino-aprendizagem através do laço afetivo estabelecido entre professor e aluno (KOCHHANN; SILVA ROCHA, 2015).

O presente trabalho aborda o tema “Afetividade na relação professor-aluno no processo de aprendizagem”. Espera-se, evidentemente, que a escola seja um local acolhedor, prazeroso e de esperança na busca por uma educação de qualidade. Já a afetividade entra como auxiliadora neste processo.

Arantes (2003, p. 18-19) ainda acrescenta que, na visão de Vygotsky, “só se pode compreender adequadamente o pensamento humano quando se compreende sua base afetiva”. Ou seja, o professor que não é afetivo com seus alunos criará distâncias e bloqueios, impossibilitando a oportunidade de propiciar um ambiente harmonioso e afetivo (COSTA; SOUZA, 2006).

Neste sentido, a interação entre o homem e o mundo e entre si mesmos é de grande importância, pois os vínculos afetivos socialmente construídos são bases para caracterização do papel social representado pelos homens ao longo da vida (VIEIRA; LOPES, 2010). Vygotsky (1998) compartilha do mesmo pensamento ao afirmar que o ser humano se constrói nas suas relações e trocas com o outro e que é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento, inclusive afetivo.

Dentro do contexto escolar, diz-se que uma aprendizagem emocional, com base nestes vínculos afetivos, possibilita à auto compreensão e a efetivação dos potenciais criativos dos alunos (VIEIRA; LOPES, 2010). No entanto, esta visão de que a afetividade é essencial no processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano em suas relações sociais (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006) e, no presente trabalho, dentro do contexto escolar, essencial no processo de aprendizagem, nem sempre foi assim, portanto, ao abordar a afetividade, faz-se necessário primeiramente a compreensão de sua origem e conceito. Ao abordar a afetividade e cognição não se pode deixar de mencionar Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico e psicólogo francês que “dedicou grande parte da sua vida estudando e tentando demonstrar as relações existentes entre as dimensões afetivas, cognitivas e motoras no desenvolvimento humano” (LEITE E TAGLIAFERRO, 2005, p. 248).

Ainda sobre a emoção, Wallon a considera um instrumento de sobrevivência para o homem, pois desde o nascimento, as emoções conectam e estabelecem vínculos entre as pessoas (SANTOS, 2012). A criança interage com o meio social através delas, sendo capaz de mobilizar o ambiente ao expressá-las.

A partir deste contato com o mundo, tendo como meio de comunicação a afetividade, a criança adentra ao mundo simbólico e inicia sua atividade cognitiva (LEITE; COLOMBO, 2008), a qual vai adquirindo complexidade e diferenciação na relação dialética com o social (FERREIRA e ACIOLY-RÉGNIER, 2010).

É, portanto, inegável a posição de Wallon em relação à influência da afetividade durante toda a sua infância sobre a sua evolução cognitiva da criança (SANTOS, 2012), sendo para ele, o aspecto afetivo é o ponto central na construção do conhecimento e da pessoa (LEITE; COLOMBO, 2008).

Esse trabalho surgiu através de uma pesquisa, em livros sobre os autores Piaget, Vygotsky, Arantes na qual foi possível perceber a afetividade do professor com seus alunos e também pelo significado que trouxe conhecimento para meu próprio desenvolvimento. Assim, o presente trabalho abordará Afetividade na relação professor-aluno no processo de aprendizado. Para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, a pesquisa terá por aporte teórico autores que trazem as ideias de estudiosos como Wallon e Vigotsky, que comentam a presença e importância da afetividade em nossas vidas. Autores como Almeida, Bezerra e Carneiro e Silva.

Este trabalho possui relevância acadêmica, por estar desenvolvendo um projeto que se tornará um TCC e que me insere no universo acadêmico. Tem relevância profissional, no sentido de que tenho a pretensão de atuar na educação e este trabalho de pesquisa, será importante para o meu trabalho futuro. Possui relevância social, pois certamente será aplicado em prol de determinada comunidade, onde pretendo, no futuro atuar.

Diante dessa problemática, a pesquisa questiona: a afetividade interfere de alguma maneira no desenvolvimento? Como a afetividade está presente na escola? A presença da afetividade na sala de aula e, principalmente, na relação entre aluno-professor, pode influenciar positivamente no aprendizado dos alunos? Nossa hipótese é a de que, com a presença da afetividade na sala de aula, ou seja, que os alunos estejam envolvidos em um ambiente saudável e afetivo, seja possível criar um espaço de maior qualidade para o desenvolvimento das crianças da faixa etária selecionada.

Levando em conta o bem estar social da criança, o meio no qual está inserida e de se conhecer melhor esse processo, essa pesquisa busca conhecer a proposta da Educação, pois sabe que uma boa relação entre professor e aluno é um dos eixos primordiais para o desenvolvimento da aprendizagem. Aqui, pretende-se ainda ampliar o conhecimento pessoal e quem sabe, para aqueles que se interessam pelo tema, de forma que, compreender a relevância e importância que a afetividade possui na vida do aluno e a aprendizagem melhorada que ela proporciona para o seu desenvolvimento maior.

Buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas, como as de Piaget e de Vygotsky, referenciam sobre a afetividade no processo de aprendizagem. Elencar pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar;

O objetivo geral é o de compreender a relação afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem e na formação de crianças (aqui, em especial no Ensino Fundamental I), de maneira que a escola tenha o papel fundante para ela, sendo um local acolhedor, prazeroso e de esperança no principal desenvolvimento de sua vida.

O objetivo específico é o de observar como que a afetividade pode influenciar no aprendizado do aluno, podendo até mesmo atrapalhar seu desenvolvimento se não for realizada ou se, pelo contrário, o estudante se deparar com uma abordagem mais tradicionalista e rígida na sala de aula.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A afetividade**

Derivada da palavra afetivo e afeto, o termo afetividade designa a qualidade que abrange todos os fenômenos afetivos. Ligada intrinsecamente à emoção, consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam não apenas o mundo, mas também a forma com que se manifesta nele. Acontecimentos e fatos somados na vida de uma pessoa é capaz de trazer recordações e experiências por toda a sua trajetória. Dessa forma, a ausência ou presença de demonstração afetiva é capaz de determinar a maneira com que um indivíduo se desenvolverá. Também determina a autoestima do indivíduo a partir da infância, já que quando uma criança recebe afeto, seja dos seus pais, familiares ou outros indivíduos de seu convívio social consegue crescer e desenvolver com segurança e determinação (BEZERRA, 2006).

Segundo Fonseca (2011), a palavra afeto, elemento básico da afetividade, vem do latim *affectur* que significa afetar, tocar. Correspondente a qualquer espécie de sentimento ou emoção associada a ideias ou a complexos delas, o afeto pode, de acordo com Vygotsky (2003) ser positivo ou negativo, pois os afetos positivos estão relacionados a emoções positivas de alta energia, como o entusiasmo e a excitação, e de baixa energia, como a calma e a tranquilidade. Os afetos negativos, por sua vez, estão ligados às emoções negativas, como a ansiedade, a raiva, a culpa e a tristeza. Em suma, ser afetado consiste em reagir com atividades interno-externas que a situação desperta (MAHONEY; ALMEIDA, 2007).

De acordo com o Dicionário Aurélio (1994), a afetividade se conceitua como um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões. Esses são acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, e satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

A afetividade faz com que o ser humano a revele seus sentimentos em relação a outros seres e objetos. Devido à afetividade, somos capazes de criar e estreitar laços de amizade e amor entre elas e até mesmo com animais irracionais, isto porque até mesmo

os animais possuem a capacidade de demonstrar afetividade uns com os outros e com os seres humanos. Segundo Piaget, tal relação é de grande influência no comportamento e no aprendizado juntamente com o desenvolvimento cognitivo. Estando presente em sentimentos, desejos, interesses, tendências, valores e emoções (RUARO, 2019).

De extrema importância para a saúde mental e de todos os seres humanos, a afetividade é uma sensação que pode influenciar o desenvolvimento geral, o comportamento e o desenvolvimento cognitivo. No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos). A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo, tendo um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas da vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo (DANTAS; BARROS, 2016).

Alguns transtornos são observados em alguns indivíduos, isso devido à ausência ou parcial recebimento de afeto, o qual os mais evidentes são depressão, fobias, somatizações e ansiedade. Pessoas com más recordações e experiências ruins e/ou tristes se tornam indiferentes, dessa forma, aqueles que cortam a afetividade de sua vida se tornam frios e ausentes de emoção ou responsabilidade afetiva. Há também aqueles que quando não conseguem excluir a afetividade de sua vida, podem tornar-se incontinentes emocionais. A qual é uma alteração da afetividade em que o indivíduo não consegue se dominar emocionalmente.

Temos o costume de assimilar a afetividade como atos positivos somente, porém, de acordo com os conceitos aqui citados, o contato com a afetividade pode também ser negativo. Dessa forma, é necessário analisar a maneira da qual o afeto está sendo presenciado pelos alunos nas escolas atuais, e como esse contato influencia em especial, principalmente em sua aprendizagem.

A afetividade se mostra como facilitadora do processo de aprendizagem, ao assumir papel imprescindível no processo do desenvolvimento e aprendizagem da criança (ALMEIDA, 2000), pois esta participa diretamente nas correlações psicossomáticas básicas, isto significa que, a afetividade influencia decisivamente na percepção, memória, pensamento, vontade e ações, sendo assim, um componente essencial do equilíbrio da personalidade humana (KRUEGER, 2003). Na teoria de Piaget, ainda acrescenta que a

afetividade é “a energia que move as ações humanas, ou seja, sem afetividade não há interesse ou motivação” (CARNEIRO E SILVA; SCHNEIDER, 2007, p. 83).

Neste sentido, a interação entre o homem e o mundo e entre si mesmos é de grande importância, pois os vínculos afetivos socialmente construídos são bases para caracterização do papel social representado pelos homens ao longo da vida (VIEIRA; LOPES, 2010). De acordo com Silva (2011, p. 20) *apud* Vygotsky (1998) compartilha do mesmo pensamento ao afirmar que “o ser humano se constrói nas suas relações e trocas com o outro e que é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento, inclusive afetivo”.

A afetividade possui um papel muito importante no desenvolvimento global da criança, fazendo a diferença em diversos aspectos, em principal, o desenvolvimento social. Dentro do contexto escolar, diz-se que uma aprendizagem emocional, com base nestes vínculos afetivos, possibilita a autocompreensão e a efetivação dos potenciais criativos dos alunos (VIEIRA; LOPES, 2010), ou seja, a afetividade não irá modificar a estrutura da inteligência, mas será a energia que impulsiona a ação de aprender. (ANDRADE, 2007).

A visão de que a afetividade é essencial no processo de conhecimento, orientação e atuação do ser humano em suas relações sociais (MOSQUERA; STOBÄUS, 2006), o presente trabalho, dentro do contexto escolar, essencial no processo de aprendizagem, nem sempre foi assim, portanto ao abordar a afetividade, faz-se necessário primeiramente a compreensão de sua origem e conceito, para ser possível demonstrar a sua importância dentro do meio escola, e a interferência que a afetividade – ou a falta dela – pode causar na aprendizagem.

Um dos grandes pensadores que abordou o conceito de afetividade foi o psicólogo francês Henri Wallon. Segundo Wallon, a inteligência não é o elemento mais importante do desenvolvimento humano, mas esse desenvolvimento dependia de três vertentes: a motora, a afetiva e a cognitiva. Assim, a dimensão biológica e social era indissociável, porque se complementam mutuamente. A evolução de um indivíduo não depende somente da capacidade intelectual garantida pelo caráter biológico, mas também do meio ambiente que também vai condicionar a evolução, permitindo ou impedindo que determinadas potencialidades sejam desenvolvidas. A afetividade surge nesse meio e tem uma grande importância na educação (BEZERRA, 2006).

Para Wallon, a afetividade possui um grande papel no processo de desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Ela está presente desde os nossos primeiros momentos, em que o bebê entra em contato com a mãe para se alimentar, como uma condição biológica, porém vai se desenvolvendo, relacionando-se à nossa condição social (ALMEIDA, 2008). A afetividade possui relação com os nossos sentimentos, sendo estes bons ou ruins, como demonstrado a seguir:

Quando os motivos que provocam os estados de bem-estar e mal-estar estão primordialmente ligados às sensibilidades interoceptivas, proprioceptivas e exteroceptivas, temos uma etapa em que a afetividade é de base orgânica – a chamada afetividade orgânica. Quando os motivos que provocam os estados de bem-estar e mal-estar já não são limitados às sensibilidades íntero, próprio e externo, mas já envolvem a chamada sensibilidade ao outro, a afetividade passa para um outro patamar, já que de base fortemente social – a chamada afetividade moral, na terminologia usada por Wallon em 1941. Assim, a afetividade evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo-outrem, sejam relações pessoais ou sociais (ALMEIDA, 2008, p.348).

Podemos julgar, de acordo com os estudos de Wallon, que a afetividade possui um papel importante em nosso desenvolvimento. Ao estar em contato com ela, seja de maneira biológica ou social, contribuímos para o desenvolvimento da nossa personalidade, além de servir para outros aprendizados, como, por exemplo, na educação.

## **2.2 Razão x Emoção**

A discussão em torno da afetividade é bastante antiga, pois de acordo com Vasconcelos (2004, p. 616), “inserida na história da filosofia, no contexto das relações entre razão emoção e sentimento, foi motivo de aquecidos debates envolvendo grandes filósofos, que ora valorizam os conflitos existentes entre razão e sentimentos, ora a dicotomia ou o papel superior de um aspecto sobre o outro”. Ela foi abordada na filosofia grega, sendo tema, por exemplo, de Platão (427-347 a.C.), que fez uma primeira tentativa de estudo dos aspectos afetivos ao estruturar a alma: cognição, emoção e motivação. Vasconcelos aponta que Aristóteles (384-322 a.C.), “numa perspectiva claramente dualista, reiterava que os sentimentos residem no coração e que o cérebro tem a missão de esfriar o coração e os sentimentos nele localizados” (VASCONCELOS, 2004, p. 616). Descartes (1596-1650), pai da filosofia moderna, também seguiu a linha dualista, em que

o conhecimento intelectual sobrepuja-se ao conhecimento sensível, ou seja, a separação entre razão e emoção (SILVA, 2012).

Outro pensador que defendeu a ideia de que razão e emoção são indissociáveis; e que inspirou mais tarde Vygotsky e Wallon com sua dialética, foi Marx (1818-1883), intelectual e revolucionário alemão, que defendeu a tese de que a personalidade humana se forma com base nas relações sociais, ou seja, o homem é um ser social, dinâmico e produtivo agindo no mundo e reagindo a ele. Necessita dos outros, pois só é completo como homem se estiver em relação com a sociedade e a natureza.

Ao pensar na escola, é importante lembrar, porém, que “as emoções e os sentimentos dos alunos não se dissociam no processo ensino-aprendizagem, já que podem favorecer ou não o desenvolvimento cognitivo” (CARNEIRO E SILVA; SCHNEIDER, 2007, p. 83), ou seja, não importa o quanto se tente desassociar a emoção da razão, as duas possuem um trabalho conjunto.

Rego (1997, p. 122) ainda confirma esse pensamento, ao dizer que “são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo”. A partir desses pensamentos, podemos avançar na ideia de que a afetividade possui sim, a sua necessidade nas relações de aprendizagem, principalmente na escola.

Se na filosofia a afetividade foi alvo de muitas discussões e, por um longo tempo permaneceu a cultura dualista, no cenário da psicologia, iniciada no século XIX, não foi muito diferente. As teorias psicológicas estudaram separadamente os processos cognitivos e afetivos por várias décadas. Isto ocorreu devido a dificuldade em estudá-los de forma integrada ou mesmo por crença dos psicólogos e cientistas que se debruçaram sobre a temática, tal separação parece ter conduzido a sociedade à uma visão parcial e distorcida da realidade, com reflexos nas investigações científicas e no modelo educacional ainda vigente. Em relação ao contexto escolar, nos dias atuais, comumente nota-se o uso de uma concepção teórica que leva os educadores a dividirem a criança em duas metades: a cognitiva e a afetiva (ARANTES, 2003; VASCONCELOS, 2004).

Entretanto, não se pode negar que, dentre os fenômenos psicológicos, os afetivos apresentam uma grande de estudo e compreensão, tanto no que se refere à conceituação, como também quanto à metodologia de pesquisa e análise (LEITE; TASSONI, 2002), é

corriqueiro encontrar na literatura a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento, aparentemente como sinônimos (TASSONI, 2000).

Na maioria das vezes, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas (TASSONI, 2000).

Há ainda o fato de que a afetividade pode ser abordada segundo diferentes perspectivas, dentre outras, a filosófica, a psicológica e a pedagógica, este último como foco deste trabalho. Neste sentido, dada tal complexidade e para a compreensão da afetividade no processo de aprendizagem, faz-se necessário a elucidação de alguns conceitos em torno da afetividade.

### **2.3 A história da afetividade no ambiente escolar**

Antes de analisarmos a presença e a importância da afetividade na sala de aula nos dias atuais, precisamos dar um passo para trás e compreender como que esse pensamento, que o contato afetivo entre alunos e professores, surgiu. Antigamente, era quase que comum ver professores agredindo – fisicamente e psicologicamente – seus alunos como uma maneira de repreendê-los e “colocá-los na linha”. Porém, foi a partir de estudiosos na área que se foi capaz de entender a necessidade de uma prática mais afetiva nas escolas. Comenius (2002) explana melhor isso, ao dizer que, para sermos educados em nossa juventude, é necessário que

se desenvolva sem severidade e sem pancadas, sem nenhuma coarctação, com a máxima delicadeza e suavidade, quase de modo espontâneo (assim como um corpo vivo aumenta lentamente sua estatura, sem que seja preciso esticar e distender seus membros, visto que, alimentado com prudência, assistido e exercitado, o corpo, quase sem aperceber-se, adquire altura e robustez); da mesma forma, os alimentos, os nutrimentos, os exercícios se convertem no espírito em sabedoria, virtude e piedade (COMENIUS, 2002, p. 109).

Comenius gerou o que muitos intitulam de “visão comeniana”, ou seja, uma visão da qual se é necessária uma educação que não fosse implicada de maneira tão bruta, que

fosse sem pancadas, ministrada com mais delicadeza. A partir desse autor, muitos outros surgiram com o mesmo pensamento, contribuindo para essa visão. Lopes (2003) foi um deles, nos trazendo diversos pontos de vista que se relacionaram com a visão comeniana.

Segundo Brust (2009), que avalia o pensamento de Lopes (2003), para o autor era necessário haver uma mudança na instituição escolar, que era vista como severa e enfadonha, e por isso se tornou um alvo de críticas do autor. Esses pensamentos se relacionam a concepção de Comenius, porém não somente, também possui semelhanças às críticas de Rousseau (1994) à educação. Em sua visão,

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre (ROUSSEAU, 1994, p.23-24).

Brust (2009) ainda afirma que na visão de Rousseau (1994) o professor deve ser amado pelos seus alunos, não os sobrecarregar e não mostrar apenas uma face severa, demonstrando ser rígido e rude. Ao analisarmos esses pensamentos, podemos compreender que esses pensadores na realidade acreditam que, ao ter um ambiente com maior afetividade, sem que haja uma postura rude e severa dos professores, que são a principal referência dos alunos, a convivência dentro de sala de aula pode melhorar e isso criará um ambiente melhor e mais propício para os alunos conseguirem aprender melhor. O professor necessita proporcionar aos alunos momentos mais divertidos e descontraídos, fazendo com que eles assim se afeiçoem tanto pelo professor, quanto pelo ensino que está sendo ministrado ali.

Porém, para que isso aconteça, é necessário que o professor observe e conheça as características de seus alunos. É preciso que o professor conheça, aceite e respeite o seu aluno. E Rousseau também acreditava nessa perspectiva, como podemos observar na observação feita por Cerizara (1990, p. 108)

Como a proposta da educação rousseauiana pauta-se por uma relação contratual entre a criança e o governante, ela pressupõe igualdade de direitos e deveres, embora distintos entre cada um. Pressupõe, principalmente, a garantia de respeito mútuo, do direito ao erro e do dever de reparação. Nada é predeterminado, tudo é construído numa tentativa pedagógica de harmonizar a especificidade da criança com as influências do meio, com as generalidades do desenvolvimento humano.

Essas contribuições certamente foram necessárias e úteis para que houvesse um início de uma mudança na educação, no pensamento dos educadores sobre a afetividade dentro da sala de aula, assim, caminhando para uma melhoria nesse quesito. Nos dias de hoje, mesmo que seja possível encontrar várias exceções, ainda sim podemos notar que houve um avanço nesse tópico dentro das salas de aula do Brasil.

Todavia, em países do Oriente Médio e da Ásia, por exemplo, ainda encontramos resquícios dessa educação tradicional mais rigorosa, que pode até mesmo envolver punições físicas e humilhações. Todavia, a partir dos estudos feitos aqui percebemos que esse caminho não leva ao respeito dos alunos, e sim ao medo. A afetividade, nesse sentido, nos aproxima dos alunos e faz com que eles se sintam mais confortáveis e seguros ao lado dos professores e educadores que praticam a afetividade.

## **2.4 A afetividade na sala de aula**

Após a reflexão realizada sobre a afetividade em si, seus conceitos e sua importância, é necessário avaliarmos como essa pode ser utilizada no ambiente escolar e, principalmente, se sua presença no cotidiano escolar e na relação entre professor-aluno pode realmente ser benéfica e auxiliar no processo de aprendizagem. Carneiro e Silva *et al* (2003) nos propõem uma breve reflexão sobre a afetividade nesse meio, ao citar que:

Diante dos pressupostos teóricos expostos, reafirma-se a importância da afetividade não só na relação professor-aluno, mas também como estratégia pedagógica. Um professor que é afetivo com seus alunos estabelece uma relação de segurança evita bloqueios afetivos e cognitivos, favorece o trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e a aprender com eles. Ademais, na perspectiva sociointeracionista, a criança aprende com os membros mais experientes de sua cultura. Assim sendo, se o professor for afetivo com seus alunos, a criança aprenderá a sê-lo (STOWNER, 2009, p. 11).

A escola é um importante local para promover práticas afetivas na vida de uma criança. É a partir dela que o aluno possui grande parte de suas primeiras interações, sendo essas anteriormente realizadas, geralmente, pela família. Na escola, porém, a criança precisa aprender a lidar com um novo mundo, relações completamente diferentes das quais estava acostumada e possuiu contato em seu meio social. É na escola onde se há o maior contato entre crianças, visto que anteriormente muitas não possuíam colegas da

mesma idade para trocar experiências, o que é completamente necessário para seu desenvolvimento global. A afetividade, deste modo, não auxilia apenas em sua aprendizagem cognitiva, mas também na aprendizagem comportamental e emocional (TASSONI; LEITE, 2013).

A criança também precisa saber distinguir sentimento e ação, ler e interpretar indícios sociais, bem como compreender a expectativa dos outros, usar as etapas para resolver problemas, criar expectativas realistas sobre si e compreender normas de comportamento. O período escolar coincide com a fase em que a criança está desenvolvendo outras formas de comunicação que não a oral, como os gestos e expressão facial, além de estar trabalhando, a partir da interação com os outros, as emoções e suas influências negativas e positivas, e manifestando suas ideias e pensamentos (CARNEIRO E SILVA; SCHNEIDER, 2007).

Em uma pesquisa bibliográfica feita por Arantes (2003) tendo como base pensamentos de Vygotsky, a afetividade é vista como algo de grande importância, pois todas as pessoas, da mesma maneira que aprende a agir, falar, pensar (ou qualquer outro desenvolvimento normativo), como influência de uma cultura ou o convívio com os outros, desenvolve em si o “sentir” (sentimento, emoções).

Segundo Piaget (1975), as crianças constroem seus primeiros juízos morais e de valor nas relações familiares, ou seja, através dos estímulos positivos formadores dos primeiros sentimentos de afeto. Já a afetividade no processo educativo é importante para que a criança possa manipular a realidade e estimular a função simbólica.

Para Vygotsky, só é possível compreender adequadamente o pensamento humano quando se conhece sua base afetiva. Assim, o professor que não é afetivo com seus alunos criará distâncias e bloqueios se não tiver esse conhecimento, perdendo a oportunidade de ter um ambiente harmonioso e afetivo (COSTA E SOUZA, 2006). Sendo assim, levanta-se a seguinte problemática: De que maneira a afetividade entre professor-aluno pode interferir na aprendizagem?

Esses conhecimentos, em grande parte frutos das relações sociais, possuem um incentivo muito maior dentro do ambiente escolar, como mencionado anteriormente. O professor, mais do que qualquer outro responsável, é quem entrará em contato com essas descobertas diariamente, e por isso deve se manter atento aos sinais que o aluno demonstra sobre seus conhecimentos sociais e afetivos, intervindo quando necessário.

A infância é uma fase muito importante de nossas vidas. É nela que adquirimos grande parte de nossas primeiras experiências e, por tudo ser muito novo, é necessário possuir um apoio, algo ou alguém que ajude a criança a direcionar seus novos aprendizados e conhecimentos.

## **2.5 Afetividade na educação**

A primeira infância que se estende até os 5 anos, é o período em que os seres humanos constroem suas bases cognitiva, emocional, motora, social e ética. Quando ainda não capazes de utilizar a fala, as crianças fazem uso principalmente da emoção para se comunicar com o mundo, através do choro e sorriso. Ao adquirir a linguagem oral, as crianças ganham mais um meio de expressarem o que sentem e começam a se relacionar com o mundo de uma nova forma. Segundo o pensador Jean Piaget, o desenvolvimento intelectual tem dois componentes: o cognitivo e o afetivo, que são interdependentes. Para ele, toda ação e pensamento são ações cognitivas, por sua vez representadas pelas estruturas mentais, e afetivas, sendo expressas através de uma estrutura energética, que é a afetividade (SILVEIRA, 2014).

Jean Piaget, Henri Wallon e Lev Vygotsky, concederam à afetividade uma elevada relevância no processo pedagógico. De acordo com Piaget e Wallon, o desenvolvimento ocorre através de vários patamares, e nesses estágios, a inteligência e a afetividade vão alternando em termos de importância. No primeiro ano de vida de uma pessoa, a afetividade é predominante, pois o bebê se usa dela para se exprimir e interagir com o mundo envolvente. No entanto, a afetividade não é importante apenas nessa fase. A afetividade determinará o tipo de relacionamento entre o professor e aluno, o que terá um grande impacto na forma como o aluno adquire novos conhecimentos (LA TAILLE, 1992).

Com o passar dos anos, o aspecto cognitivo tem sido o principal alvo da atenção, e a evolução da área afetiva é frequentemente esquecida, o que impede o aluno de atingir o seu máximo potencial. Wallon defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. Ele

nasce com um equipamento orgânico, que lhe dá determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam (SANTOS, 2015).

Na atualidade, o papel do professor tornou-se muito mais amplo e complexo, pois ele deixou de ser apenas o repassador de informações e conhecimentos e já se reconhece como um parceiro do estudante na construção dos conhecimentos, parceria que implica novos saberes e atitudes que possibilitem aos estudantes integrar no processo de aprendizagem das disciplinas os aspectos cognitivo e afetivo e a formação de atitudes (PAULA, 2001).

## **2.6 Relação aluno-professor**

É possível observar que, na educação, a relação entre professor e aluno é constante. O professor é um sujeito de grande destaque na vida do aluno; um personagem sempre memorável e marcante, pois é com o professor que a criança constrói seus primeiros laços fora do lar e da família. Não importa como esse professor seja, segundo Freire,

o professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p. 96).

Quando voltamos nosso olhar para a educação infantil, por exemplo, essa relação se expande ainda mais; os alunos necessitam de mais atenção, mais auxílio, e também de mais carinho do que os alunos mais velhos. O professor é a figura adulta que está sempre próxima aos alunos nesse momento, se tornando extremamente importante para eles e sua rotina escolar. Segundo Belotti e Faria apud Aquino (2010, p. 1),

a relação professor-aluno é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. A força da relação professor-aluno é significativa e acaba produzindo resultados variados nos indivíduos.

Desde muito cedo em nossas vidas, o ambiente escolar se torna um dos principais locais de convívio, de socialização e principalmente de aprendizado. Antes focada apenas em uma visão tradicionalista, o ensino escolar tinha o professor como foco central, e o aluno precisava acatar e aceitar todas as ordens dadas pelo professor, em uma posição

autoritária. Porém, muito se tem mudado em relação a isso e, nos dias de hoje, observamos que há espaço para uma relação muito mais agradável entre alunos e professores.

Primeiramente, é necessária que haja uma reflexão do próprio profissional de educação, para que possa compreender o ambiente educacional nos dias de hoje. Anteriormente tomado por uma visão tradicionalista na qual o professor era considerado como superior a todos e o único com saberes importantes, hoje em dia vemos que essa visão foi se alterando, e hoje o profissional de educação se tornou um mediador do saber, auxiliando seu aluno a aprender, e não apenas ditando um conteúdo e dizendo o que é certo e o que é errado. O educador não deve achar que sabe de tudo e que é o detentor do saber, mas sim tentar aprender com os seus alunos, com suas diferentes visões e vivências. Essa prática, por mais que pareça ser simples, pode ser benéfica para a relação entre professor-aluno, pois, dessa maneira, o aluno sentirá uma maior abertura com o educador, ganhando maior confiança para participar das aulas e dos momentos escolares. Como apontado por Brait (2010, p. 3),

Conduzido assim, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente parte e contemplado pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. [...] Para que o professor consiga êxito entre os alunos, cabe uma difícil tarefa de despertá-los à curiosidade, ao aprendizado prazeroso, e à necessidade de cultivar sempre novos conhecimentos em meio às atividades propostas e acompanhadas pelo professor.

Com isso em mente, podemos notar outra parte muito importante para construir um bom relacionamento entre aluno e professor: é necessário que ambas as partes se conheçam e se entendem e, por isso, é preciso que o professor consiga compreender a língua do aluno, para dessa maneira se aproximar dele.

O conhecimento não é algo construído apenas dentro dos muros da escola, nas salas de aula com o conteúdo sendo repassado. O conhecimento também é algo cultural e social, presente em nosso cotidiano e, com isso, no cotidiano dos alunos. Vivenciando experiências diferentes, cada aluno possui seus próprios saberes, muitos deles aprendidos de maneira informal. Por mais que a escola seja tradicionalmente o local no qual obtemos o conhecimento formal sobre diversas áreas do saber, ainda assim é possível que os conteúdos sejam simplificados ou arranjados de maneira que se adaptem à realidade do aluno, assim o fazendo aprender mais facilmente, pois haverá uma identificação entre a sua realidade e o saber aprendido na escola.

Precisamos criar um elo de comunicação entre o professor e o aluno, simplificando o conteúdo científico repassado nas escolas, para que ele possa compreender integralmente e aprender de maneira mais fácil e prazerosa. Como ressaltado por Brait (2010, p.4), “não é possível pensar em um processo ensino/aprendizagem eficaz se continuarmos elitizando o conhecimento científico. Fazer com que a ciência cumpra este papel social constitui-se em elemento importante nesta relação”. Grande parte da desmotivação dos alunos em relação à escola e a sua relação com o professor é devido a falta de identificação desse aluno com o que é aprendido no ambiente escolar, por crer que aquilo não lhe será importante ou que não fará parte de sua vida. Demonstrando ao aluno que o conhecimento científico está presente em nosso cotidiano, podemos o aproximar do ambiente escolar e, conseqüentemente, do professor.

A relação entre professor e aluno necessita de reciprocidade. Mesmo possuindo papéis diferentes dentro do ambiente escolar, ambos precisam ter a percepção de é possível haver trocas uns com os outros; é possível que o professor aprenda com seus alunos, e não somente que o aluno aprenda com o professor. Ao praticar isso, a relação entre os dois se torna mais humilde, amigável e aberta.

Diante do ampliamto da relação desses dois sujeitos no ambiente escolar, aluno e professor, foi possível para o docente perceber a realidade da pluralidade de seus alunos, afinal, todas as crianças possuem necessidades diferenciadas e o professor necessita aprender com essa diversidade e oferecer meios para que todos possam aprender. O professor precisa refletir sobre a sua prática e não se deixar cair na rotina da escola, vendo seus alunos apenas como números ao invés de indivíduos diferentes de si, pois, dessa maneira, não estará atendendo todos igualmente. Por essa razão se faz tão necessária a relação entre aluno e professor.

Ao ter uma relação de qualidade com o seu aluno, a perspectiva dentro da sala de aula pode se transformar para o professor. Temos alunos de diferentes personalidades, e as vezes isso pode afetar o aprendizado do aluno, se o professor não trabalhar essas questões corretamente. Por exemplo, se um aluno é muito tímido e se encontra com um professor autoritário, que julga os erros de seus alunos, esse terá muito menos coragem de questionar o professor e resolver suas dúvidas, muitas vezes deixando de aprender pelo receio de ter uma resposta negativa. Ou então, temos um aluno que constantemente perde o foco, não presta atenção nas aulas, porém tudo isso devido a problemas familiares que

o tiram de seu eixo. Se o professor não tiver uma boa relação com seu aluno e não saber como intervir nessa situação, o aluno pode até mesmo perder o interesse pelas aulas e pelo aprendizado escolar.

### **3. METODOLOGIA**

O presente estudo foi realizado através de pesquisa bibliográfica, na qual foram analisados textos, artigos e outras diversas contribuições que auxiliou a identificar a presença da afetividade no ambiente da sala de aula, bem como, a sua importância e necessária interlocução para o desenvolvimento dos alunos, com a prática cotidiana. De acordo com Fontelles et al (2009, p. 7), a pesquisa bibliográfica

é a análise de material já publicado. É utilizada para compor a fundamentação teórica a partir da avaliação atenta e sistemática de livros, periódicos, documentos, textos, mapas, fotos, manuscritos e, até mesmo, de material disponibilizado na internet etc. Este tipo de pesquisa fornece o suporte a todas as fases de um protocolo de pesquisa, pois auxilia na escolha do tema, na definição da questão da pesquisa, na determinação dos objetivos, na formulação das hipóteses, na fundamentação da justificativa e na elaboração do relatório final.

A pesquisa bibliográfica se pauta em utilizar outras contribuições como auxílio para podermos compreender mais sobre o tema pesquisado, analisar outros estudos sobre de modo que se possa obter um maior conhecimento sobre o assunto, e dessa maneira, uni-los, formando um novo estudo.

Utilizaremos nesta monografia diversos artigos e livros, sobre o tema a afetividade, sendo ela em uma visão geral do que se passa na escola e nas salas de aula, de modo que seja possível compreender o que de fato é a afetividade, e o motivo de sua importância no trabalho com crianças do Fundamental I, para ampliar suas possibilidades de aprendizado. Por qualitativa, entende-se que seja “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos no mundo social” (NEVES, 1996, p. 1)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a nossa análise realizada sobre o tema, consideramos que a presença da afetividade nas instituições escolares é necessária para ampliar as possibilidades de aprendizagem dos alunos e proporcionar um ambiente mais agradável e acolhedor. A afetividade é uma parte de nós, como seres humanos, que está intrinsecamente ligada ao nosso cognitivo e a todo nosso funcionamento e, por esse motivo, não deve ser desvalorizada ou deixada de lado pelos educadores.

Em uma perspectiva tradicionalista da educação, da qual comumente vemos e até mesmo praticamos, o professor seria aquele detentor do poder, que não abria espaço para novas opiniões, ideias, e principalmente, não abrindo espaço para a afetividade. Nessa visão tradicional, o professor era apenas um profissional que transmitia conhecimento aos seus alunos. Porém, sabemos a importância que a figura do educador tem na vida de um aluno, principalmente nos anos iniciais. Em suas primeiras experiências escolares, a criança tem sua primeira separação do convívio contínuo com a família. Ao não encontrar uma abordagem afetuosa é possível que a experiência se torne até mesmo traumática para o aluno, afastando-o do ambiente escolar e pelo gosto de estudar. Os educadores não devem afastar os alunos da escola, e sim aproximar o máximo possível. Nessa perspectiva, vemos o quanto a relação entre professor e aluno é importante e pode influenciar em seu aprendizado e em seu cotidiano escolar.

Inicialmente em nossa pesquisa, procuramos saber o que de fato é a afetividade e os motivos para ela ser tão importante para o ser humano como um todo. O que pudemos descobrir a partir disso foi que a afetividade está ligada aos nossos sentimentos e à forma com a qual enxergamos e nos expressamos no mundo, e que a falta de afetividade pode influenciar no desenvolvimento do indivíduo ao longo de sua vida. Sempre foi considerada importante e por isso foi por muito tempo um destaque no campo filosófico, sendo estudada por diversos filósofos que buscavam compreender a afetividade.

Já no ambiente escolar, a abordagem afetiva nem sempre foi tratada como importante e necessária. Pautada em uma metodologia tradicionalista, não havia espaço na escola para a afetividade, visto que o professor necessitava ser rígido e autoritário, não criando um vínculo afetivo com os seus alunos. Isso, porém, acabou criando um ambiente negativo para os alunos, que muitas vezes sentiam medo ou aversão dos profissionais, por não conseguir se conectar com eles. Todavia, como foi possível notar em nossa seção sobre a “Relação aluno-professor”, o educador é um indivíduo de extrema importância e

destaque na vida do aluno, por estarem em constante troca. Devido a isso, o professor deve abrir caminhos para seus alunos, e a afetividade é uma ferramenta para tanto. Criando um ambiente mais afetivo, é possível que os estudantes se sintam mais confiantes com o seu aprendizado, criem laços com os professores e com isso maior aceitação e confiança sobre os mesmos.

A partir disso, considera-se que é necessário que os educadores e toda a escola em geral, se atente à importância da afetividade no cotidiano escolar. A escola não deve ser um ambiente autoritário e rígido, visto que essas características podem promover um afastamento e desinteresse dos alunos pelo aprendizado e pelo ambiente escolar. Pelo contrário, deve-se promover a afetividade em nosso cotidiano escolar, para que dessa maneira nossos alunos possam encontrar um conforto na escola, local no qual passam boa parte de sua juventude, e se sintam mais confiantes para se expressar, interagir com o seu aprendizado e se interessarem pelo o que estão aprendendo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 19 dez. 2008.
- ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. São Paulo: Editora Papiros, 2000.
- ANDRADE, A. S. de. **A influência da afetividade na aprendizagem**. Unievangélica Centro Universitário. Especialização em Psicopedagogia Reeducativa. Brasília-DF, 2007.
- ARANTES, V.A. **A Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Atlas, 2003.
- BELOTTI, S. H. A; FARIA, M. A. de. Relação professor/aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 1 – nº 1 - 2010**.
- BEZERRA, R. J. L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistemática**, v. 4, jul/dez 2006.
- BRAIT, L. F. R; MACEDO, K. M. F. de; SILVA, F. B. de; SILVA, M. R; SOUZA, A. L. R. de. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG**, v. 8, n.1, jan/jul 2010.
- BRUST, J. R. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. Londrina: UEL, 2009.
- CARNEIRO E SILVA; J.B.; SCHNEIDER, E.J. Aspectos socioafetivos do processo de ensino e aprendizagem. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**. v.3, n.11, jul./dez., 2007.
- CERIZARA, A. B. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.
- COMENIUS, J. A. **Didática Magna**. 2. ed. Trad: GOMES, J. F. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, K. S. da; SOUZA, K. M. de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino-Aprendizagem na Visão de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 2006.
- DANTAS, T. S; BARROS, L. da S. **A Importância da Afetividade e da Socialização para o Desenvolvimento Infantil**. Psicologado, [S.l.]. (2016). Disponível em: <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/a-importancia-da-afetividade-e-da-socializacao-para-o-desenvolvimento-infantil>>. Acesso em jun 2020.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.
- FERREIRA, A.B. de H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Positivo: Curitiba, 2010.
- FERREIRA, A. L; ACIOLY-REGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 36, p. 21-38, 2010 .

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FONTELLES, M. J.; SIMÕES, M. G; FARIAS, S. H; FONTELLES, R. G. S.. Scientific research methodology: Guidelines for elaboration of a research protocol. **Revista Paraense de Medicina**, 23 (3), 2009.
- GODOY, E. A. de. E. Afetividade e moral. **Revista Educação e Ensino –USF**. Bragança Paulista: v. 2. n. 1. p. 35. jan/jun., 1997.
- KOCHHANN, A., SILVA ROCHA, V. **A afetividade no processo ensino-aprendizagem na Perspectiva de Piaget, Vygotsky e Wallon**. Anais da Semana da Integração da UEG, v. 2, n. 1, 2015.
- KRUEGER, M. F. A relevância da educação infantil. **Revista Leonardo Pós**; Nº 3; Instituto Catarinense de Pós-Graduação; Blumenau; p. 27 – 30. 2003.
- LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky e Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.
- LEITE, S. A. da S.; COLOMBO, F. A. A afetividade na mediação do professor da pré-escola. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 7, n. 1, 2008.
- LEITE, S.A. da S.; TASSONI, E.C.M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e mediação do professor**. In: AZZI, R.G.; SADALLA, A.M.F. de A. (Org.). *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LOPES, E. P. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R., **A dimensão afetiva e processo ensinoaprendizagem. Afetividade e Aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Edições Loyola, 2007.
- MOSQUERA, J.J.M.; STOBÄUS, C.D. Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação. **Revista Educação**. Ano XXIX, n.1, v.58, p. 123-133. Porto Alegre – RS: Jan./Abr. 2006.
- NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa - características, usos e possibilidades**. Caderno de pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996.
- PAULA, A. L. N. B. **As relações afetivas na sala de aula como fatores motivacionais para a aprendizagem dos conteúdos de Biologia**. Atas do III Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, Atibaia, SP, 2001.
- PIAGET, J. **A Construção do real na criança**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 3 Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ROUSSEAU, J. J. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.
- RUARO, D. A. "O papel da família na construção do afeto". *Diário do Sudoeste*, 2019. Disponível em: <<https://www.diariodosudoeste.com.br/noticia/o-papel-da-familia-na-construcao-do-afeto>>. Acesso em: mai 2020.

SANTOS, F. A. **O espaço da sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental: a relação professor e aluno, afabilidade como método para a aprendizagem.** 2015

SILVA, A.P. **Conhecimento e Afetividade em Espinosa: da reforma da inteligência à potência do conhecimento como afeto.** Dissertação (Pós-Graduação em Filosofia) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 137f. Marília: São Paulo. 2012.

SILVA, P. B. M. da. **A importância da interação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem.** Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2011.

SILVEIRA, E. Á. **A importância da afetividade na aprendizagem escolar: o afeto na relação aluno-professor.** Psicologado, 2014. Disponível em:<<https://psicologado.com/atuacao/psicologiaescolar/a-importancia-da-afetividade-na-aprendizagem-escolar-o-afeto-na-relacao-alunoprofessor>> Acesso em: jun 2020.

STOWNER, A. R. S. **Afetividade na relação professor-aluno na educação infantil.** Universidade Cândido Mendes, Serra, 2009.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP. 2000.

TASSONI, E.C.M; LEITE, S.A.S. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições wallonianas.** Educação (Porto Alegre impresso): v.36, nº 2, p. 262-271, Porto Alegre, mai/ago. 2013.

VASCONCELOS, M. S. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educ. Soc.**, Campinas , v. 25, n. 87, p. 616-620, 2004.

VIEIRA, A. D.; LOPES, M. D. **A afetividade entre o professor e o aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais.** Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, São Paulo: Lins, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.